

## Estudos

### ANTÍGONA, OS SEPARADOS.

Fabiano Lemos

Ensaio introdutório, tradução e notas  
para *Antígona* entre os Franceses, de Antonin Artaud

*para Lorde,*  
*e, como signo de afetuoso reconhecimento, para Carlinda.*

I

É no vazio de uma cena antes tomada pela sua presença que ela não para de se anunciar. Mulher fálica, no momento em que, enfim, se assenhora daquilo que era seu antes dela mesma, ela se oferece tão inteira, embora tão brevemente, como espetáculo.

“Olhem, notáveis filhos de Tebas, a última de suas princesas”<sup>1</sup>. Para depois sumir, retirando-se da vida com as próprias mãos, suicida altiva, e alcançar um destino que ninguém lhe poderia tomar, posto que a única lei capaz de conduzi-la era a sua. O que ela deixa atrás de si é o rastro de um abandono voluntário, intolerável: avesso e espelho de um amor desmedido. Um amor com os olhos fora do corpo, e que só pode amar o corpo como cadáver. Um amor de transcendência com ares de imperativo categórico, mas desonerado das prerrogativas morais deste, porque esse amor mesmo é fundador de uma moralidade outra, próprio de uma dinastia outra, que cumprirá, portanto, um destino igualmente outro. Eis aí, portanto, a ausência brilhante que nos pronuncia o nome de um destino: Antígona. E é preciso saber ler os nomes.

O nome incessantemente dito: Antígona. Esse que inquietou nossa ratio ocidental desde a tragédia sofocleana, e que assombrou nosso bem urdido edifício da razão moderna –

140

<sup>1</sup>SÓFOCLES, *Antígona* (1997), doravante citada como Ant., v. 940-941, em tradução para português, para comodidade do leitor.

já que teria que assombrá-lo, de qualquer modo, pela carga potencialmente destrutiva com que visa à esfera da lei, mas também ao domínio da vida. Desde que nos impusemos como tarefa construir o homem, Antígona ronda os cantos da arquitetura de nossa racionalidade. Todo o movimento intelectual da Aufklärung e seus herdeiros mais distantes bem o souberam: de Hölderlin e Hegel a Brecht, o ritornello se faz ouvir claramente, embora assumindo tonalidades diferentes.

Quando Antonin Artaud, de dentro do hospital psiquiátrico de Rodez, em 1944, escreve seu pequeno texto *Antigone chez les Français*, ainda que para si mesmo, para deixar vazar de sua cabeça a vastidão de um mundo, nesse movimento íntimo, o gesto que se desenha é duplo: o de uma tradição que se apresenta como universal, carregada intensamente no nome de Antígona, e uma inscrição, operada pela leitura personalíssima



**Fabiano Lemos**  
Doutorado em Filosofia  
da UERJ  
[fabianolemos@gmail.com](mailto:fabianolemos@gmail.com)



[Versão PDF  
para impressão](#)

que Artaud oferece desse nome. Antigone chez les Français, assim, demarca uma dinastia espiritual, a dinastia das Lumières. Não o Esclarecimento do Gelehrter, do erudito, cuja figura Hegel e Hölderlin assumiram, apenas para nos mantermos nos exemplos citados, cada um a seu modo. O Esclarecimento, a Aufklärung, ainda exigia um encontro com o Uno, mesmo que sua figura fosse muito próxima do fogo Indiscernível, como na leitura que Hölderlin faz da lava onde Empédocles se lançará, ou no resultado de uma luta que se traduz em antinomias resolvidas no Absoluto, como em Hegel. De uma ou de outra forma, a modernidade do idealismo alemão fez da origem um princípio, e mesmo um objetivo, um télos: um ponto de convergência que sustenta as contradições no seio do Uno. Do outro lado do Reno, as Luzes já tomavam outros caminhos: a dinastia que nelas se anuncia é a dos Iluminados.

A modernidade de Artaud é uma modernidade de separados, desses seres que vislumbraram e foram tomados pelo amor que, há tantos séculos, atravessara Antígona e a dividira em duas: a viva, eterna, que deve cumprir seu destino transcendente, e a morta, o

141

---

cadáver, o corpo que se desfaz. O texto de Artaud retraça os caminhos e modos dessa dinastia, pertencendo totalmente a ela. A França não girou menos em torno dessa heroína grega tão jovem e tão insolente: do dramaturgo Robert Garnier, no século XVI, àqueles que eram contemporâneos de Artaud<sup>2</sup>, Jean Cocteau<sup>3</sup> (1928) e Jean Anouilh (1942), muitos foram os que lhe pagaram tributo. Fora do âmbito literário, no domínio mais profundo do imaginário francês, talvez a linhagem de Antígona pudesse ser buscada mais além, na insolência incondicional de Joana D'Arc, como sugere o próprio Artaud, ou, como indica Cocteau no gesto sobretudo inflado do amor tortuoso de Charlotte Corday, que apunhalou Marat e se condenou à morte em nome de uma transcendência e de uma vida que não cabiam mais em seu corpo. O que torna os franceses fraternos a Antígona é a medida de sua existência bicéfala: cadáveres de si mesmos – um corpo morto, abandonado voluntariamente, e uma alma pronta a enterrá-lo, num gesto que é uma homenagem, sobretudo a essa dinastia. Uma dinastia de separados.

## II

Entre os franceses, como entre os alemães e mesmo os ingleses – também Shelley e Thomas de Quincey não puderam desviar de seu caminho o fantasma de Antígona.<sup>4</sup> O retorno dessa que nos é tão familiar e tão outra, não mais a personagem grega, mas a figura universal, a "Antígona do Eterno", como dirá Artaud,<sup>5</sup> nunca assumiu tanto vulto quanto nos

---

<sup>2</sup> Antigone chez les Français, doravante citada como AF : 126.

<sup>3</sup>COCTEAU, J. « Antigone Place de la Concorde » (1948 : 35).

<sup>4</sup>Georges Steiner traça o percurso dessa personagem sofocleana e de suas conseqüências na história do pensamento ocidental, das primeiras recepções entre os autores gregos até Brecht. Em seu *Antígonas* (1984), livro a que o presente estudo deve muito, o limite desse amplo panorama e da profundidade de sua análise é lembrado pelo próprio autor: "Nunca se elaborou, nem se poderá elaborar um catálogo completo do tema de Antígona, explícito e implícito, desde suas origens pré-épicas até o presente. O campo é excessivamente vasto" (STEINER: 1991: 149). Ainda assim, vale a pena cotejar o acervo coligido pelo crítico de origem francesa, porém radicado nos Estados Unidos, com os autores e obras elencados em HUNGER: 1985: 40-42

<sup>5</sup>AF, 126.

142

---

últimos trezentos anos. Antígona entre os modernos – desde quando Kant vem nos colocar essa incontornável questão, "O que é o homem?"<sup>6</sup>, é a voz do coro de Sófocles

que surge, ao fundo, talvez não muito nítida, e, certamente, não na mesma tonalidade, já que os problemas aqui ganharam uma dimensão propriamente crítica: "Entre tantas maravilhas do mundo, a maior é o homem [pollà tà deinà kouóden anthrópou deinóteron pélei]"<sup>7</sup>. Mas para nós, modernos, o homem se tornou opaco. Por isso a pergunta, sempre retomada, traz consigo seus fantasmas.

A lição que os franceses aprenderam com Antígona, talvez mais que os alemães, foi o quanto a força do transcendental não tanto nos leva ao encontro do Uno contra a Vida, mas nos torna, em seu seio mesmo, separado dela. É nessa condição que Antígona se universaliza: seu incestuoso amor de irmã é, sobretudo, um amor necrófilo, e esse amor, ao nos atravessar, reverte mesmo os valores da Vida e do que é Não-vida. Foi Shelley quem percebeu agudamente esse movimento: "Some of us have, in a prior existence, been in love with an Antigone, and that makes us find no full content in any mortal tie [Alguns de nós, em uma existência anterior, nos apaixonamos por Antígona, e isso nos condena a não encontrar contentamento completo em nenhum laço mortal]"<sup>8</sup>. Talvez ninguém tenha tido tanto essa mesma percepção quanto Antonin Artaud.

O contato de Artaud com a obra de Sófocles já era antigo, quando o texto *Antigone chez les Français* é escrito; e é, pelo menos, vinte anos anterior à adaptação de Jean Cocteau, cuja estréia no Teatro Atelier de Paris se deu em 20 de dezembro de 1922. Nessa leitura extremamente sóbria – talvez pudéssemos dizer mesmo minimalista – da tragédia grega, Génica Atanasiou, amiga íntima de Artaud, faria o papel título, enquanto o próprio Artaud

---

<sup>6</sup> KANT, *Lógica*, Ak 25.

<sup>7</sup> *Ant.*, v. 332- 333.

<sup>8</sup> Letter LX, October 22, 1821" in SHELLEY: 1964, 32.

---

interpretaria o adivinho Tirésias, personagem carregado de um simbolismo muito próximo daquele que obras como *Les nouvelles révélations de l'être*, anos mais tarde, viriam trazer à luz<sup>9</sup>. Se pensarmos nas já citadas referências de Cocteau (*Charlotte Corday*), e do próprio Artaud em *Antigone chez les Français* (*Joana d'Arc*), a relação com o universo alegórico de Antígona se amplia. Isso porque, em 1927, o papel de Marat – apunhalado pela senhorita Corday – no filme épico *Napoléon*, de Abel Gance, é interpretado por Artaud; e, no ano seguinte, o mesmo ocorre com o papel do monge Jean Massieu, em *La passion de Jeanne d'Arc*, de Carl Theodor Dreyer.

À parte toda discussão em torno da datação precisa do texto de Artaud<sup>10</sup>, é certo que, à época em que é escrito, Antígona ressurgiu fortemente no horizonte francês, com o vultoso sucesso da adaptação de Jean Anouilh, levada ao palco em 4 de fevereiro de 1944. O sucesso é gerado, sobretudo, pela polêmica em torno das questões políticas ali levantadas entre Antígona e Creonte, que em nada pareciam estranhas a uma opinião pública submetida aos poderes da ocupação nazista deste período. Ao se desenharem no horizonte de leitura, esses elementos nos fornecem preciosas pistas sobre o movimento no qual o texto de Artaud se inscreve, ainda que, evidentemente, não possa dar conta dele como um todo. Afinal, como não encontrar nessa singular apologia do espírito francês, nesse grito contra o "inimigo estrangeiro"<sup>11</sup>, uma reação às misérias da ocupação alemã?<sup>12</sup> Como não fazer de Antígona essa irmã, que virá colocar-se ao lado desses que foram divididos por dentro?

---

<sup>9</sup> Muito embora o próprio Artaud, em carta à esposa de Edouard Toulouse, psiquiatra e editor da revista *Demain*, pareça minimizar a relevância de seu papel: "Antigone foi encenada, mas a peça é muito curta

(25 minutos), meu papel tem apenas vinte linhas, o que não é suficiente para se fazer notar" – Cf. "A madame Toulouse, vers la fin de décembre 1922" in ARTAUD: 1976, 95.

<sup>10</sup>Sobre isso, ver a nota 1 da tradução que aparece na última parte deste trabalho.

<sup>11</sup>AF, 126.

<sup>12</sup>Sobre a situação de Artaud enquanto interno de um hospital psiquiátrico, as provações dos pacientes e a calamidade dos estabelecimentos médicos durante a ocupação nazista, o filme *La véritable histoire d'Artaud le Môme*, de Gérard Mordillat (1993) oferece um excelente panorama.

144

---

### III

A voz aguda de Artaud:

"É um verdadeiro Desesperado que vos fala, e que não conhece a felicidade de estar no mundo senão agora, que desistiu desse mundo, e que está absolutamente separado dele. Mortos, os outros não estão separados. Eles giram ainda ao redor de seus cadáveres. Eu não estou morto, mas estou separado"<sup>13</sup>.

Nessa espécie de prefácio a *Les nouvelles révélations de l'être* [As novas revelações do ser], publicado por Artaud em 1937 sob a assinatura *Le Révélé* [O Revelado], o tema de *Antigone chez les Français* está adiantado, sucinta e sumariamente. Antonin Artaud faz parte de uma estirpe distinta da dos que rondam cegamente ao redor de seus cadáveres; ele encontra o mundo somente sob a condição de estar separado dele. Há, contra o ser que nós somos de fato, esse outro: o que nos vive. O verbo intransitivo viver é utilizado em *Antigone chez les Français* como transitivo direto, e essa construção é fundamental. O outro nos separa não como algo que vive em nós, ou através de nós, mas nós somos a sua própria vida, como o espírito é a vida do verdadeiro Ser. A inversão é radical e se instala transcendentalmente: "Ninguém nunca pôde ser Antígona sem ter sabido desde o início dissociar de sua alma a força que a compelia a existir, e ter sabido encontrar a força contrária, de se reconhecer como diferente do ser que ela vivia e que a vivia"<sup>14</sup>

Antígona é dupla, e ela o sabe desde o primeiro momento. A tragédia de Sófocles vem se alojar no instante de sua trajetória em que a jovem viva ouve o chamado da outra, a Eterna, que vem cumprir seu fatum, de sua tükhe. Seu destino se cumprirá, porque é o singular destino

---

<sup>13</sup> « Les nouvelles révélations de l'être » in ARTAUD :1967.

<sup>14</sup> AF, 125.

145

---

de sua raça. Desde a remota menção de Homero sobre a dinastia de Antígona, sobre o suicídio da mãe de Édipo (que aparece nesta altura como Epicasta, e não Jocasta)<sup>15</sup> e do incesto que o desencadeou, fica claro que se trata de uma árvore genealógica muito particular, como o será toda a dinastia dos Iluminados, dos Separados. A filha mais insurrecta de Édipo não pertence à cadeia contínua da humanidade, e isso exatamente por descender de sua infeliz estirpe: ela não se casará nem procriará, encerrando nela mesma uma estirpe que também não pode procriar, no sentido amplo do termo, já que Jocasta só pode dar à luz seus filhos na medida em que não saiu de sua própria família – o que faltou ao seu gesto foi precisamente a pro-criação. Na realidade, sua raça é alheia desde sempre ao movimento reprodutivo dos homens: não foi o gesto universal da união macho-fêmea que gerou os Labdácidas; eles brotaram da terra, do gesto de Cadmo ao semear os dentes arrancados da serpente de Ares<sup>16</sup>. Por isso o chamado da terra é incontornável: é como parte da terra que Antígona reencontrará "uma dinastia que se reverencia"<sup>17</sup>, no fundo de uma caverna incrustada na rocha com que acabará por se

fundir. Ao lermos Sófocles com Artaud, reconhecemos o chamado: é o verdadeiro Ser que responde ao apelo da terra.

É pelo amor inelutável, necrófilo e incestuoso, por Polinice, mas, em última instância, por sua raça inteira, que Antígona se transformará em morta enquanto viva. A figura que melhor a representaria aqui seria a do kolossós, tal como definido por Jean-Pierre Vernant: "enterrado na tumba vazia, ao lado de objetos pertencentes ao morto, o kolossós figura aqui como substituto do cadáver ausente. Está no lugar do defunto"<sup>18</sup>. Ausente e presente ao mesmo tempo, Antígona é um duplo. Dessa forma ela aparecerá em diversas passagens do

<sup>15</sup> HOMERO, *Odisséia*, XI, 271.

<sup>16</sup>Cf. Apollodorus 3.22, Pausanias 9.10.1, Argonautica 3.1179f, Hyginus Fab 178, *Metamorphoses* 3.874, *Dionysiaca* 4.352

<sup>17</sup>Ant., v.949: geneai tímios.

<sup>18</sup>VERNANT: 1990, 308.

146

texto – como naquela em que Creonte adverte Ismênia, quando esta chora a morte iminente da irmã: "Não diga mais 'esta'; ela não existe mais"<sup>19</sup>. Os separados vão ao encontro desse estado insustentável em que a vida se recobriu de uma morte intermitente, para a qual o suicídio já havia começado antes, bem antes.

Antecedendo *Antigone chez les Français* em quase vinte anos, e anunciando-a, surpreendentemente, a resposta de Artaud a uma enquête proposta pela revista *Révolution surréaliste* (1922) faz ecoar a voz do kolossós que havia sido a filha de Édipo, do escuro silencioso de sua câmara nupcial de pedra e terra:

"O SUICÍDIO É UMA SOLUÇÃO? Não, o suicídio é ainda uma hipótese. Eu pretendo ter o direito de duvidar do suicídio como de todo o resto da realidade.(...) Eu ignoro o que são as coisas, eu ignoro todo estado humano, nada do mundo se volta para mim, se volta em mim. Eu sofro terrivelmente da vida. Não há estado que eu possa suportar. E certamente eu já estou morto há muito tempo, eu já me suicidei. SUICIDARAM-ME, quer dizer. Mas o que pensarias de um suicídio anterior, de um suicida que nos faria voltar atrás, mas do outro lado da existência, e não do lado da morte. Somente isso teria um valor para mim. Eu não sinto o apetite para a morte, eu sinto o apetite de não existir, de não cair jamais nesse passatempo de imbecilidades, de abdições, de renúncias e de encontros obtusos que é o eu de Antonin Artaud, bem mais fraco que ele. O eu deste instável errante e que, de tempos em tempos, vem apresentar sua sombra sobre a qual ele mesmo foi cuspidor, e há muito tempo, esse eu de bengalas e se arrastando, esse eu virtual, impossível, e que se encontra completamente na realidade. Ninguém sentiu sua fraqueza como ele, que é a fraqueza principal, essencial, da humanidade. De destruir, de não existir"<sup>20</sup>.

<sup>19</sup> Ant. v. 567: "all' hêde méntoi mê leg': ou gar est' eti". A tradução de Paul Mazon, em outros pontos criticáveis, parece ser mais precisa que a de Robert Pignarre. Aquele traduz "Mais ne dis plus "celle-ci"; elle n'existe plus", enquanto esta parafraseia para: "Ne parle plus de ta soeur: tu n'a plus de soeur". Cf. as traduções utilizadas na Bibliografia.

<sup>20</sup> "Enquête" in ARTAUD: 1976, .20-21.

147

### Sobre a situação do texto e sua tradução

O texto *Antigone chez les Français*, escrito por Artaud em 1944, enquanto ainda era interno do Hospital de Rodez, foi publicado primeiramente em 1977 em *Nouveaux écrits de Rodez*, com prefácio de seu psiquiatra Gaston Ferdière – ver adiante, nota 2 da

tradução. Ele integra o volume IX de suas Oeuvres complètes, editadas pela Gallimard (páginas 124 a 126), e o volume intitulado Oeuvres, publicado pela mesma editora, coleção Quarto (páginas 939 a 941) – ambos nos serviram de base para a tradução. As notas das Oeuvres complètes são assinaladas [O.C.]; as da coleção Quarto, [Q.]. As notas não assinaladas são nossas. Não há notícia da publicação da tradução desse texto para outras línguas, o que o torna, evidentemente, um texto muito pouco conhecido.

Como a maior parte dos textos de Artaud, *Antigone chez les Français* carrega consigo as marcas de uma linguagem torturada: na polissemia mística dos termos escolhidos, na repetição ritual desses mesmos termos, mas, sobretudo no aspecto oral. A escrita de Artaud é exemplar nesse sentido. Ela é um grito e um grunhido – mas não gritos e grunhidos quaisquer: fazem parte de uma arquitetura mágica do texto em que sua leitura se apresenta como encantação – deve-se ler Artaud não apenas em voz alta, mas a plenos pulmões, nas dinâmicas possíveis de uma respiração.

Em nossa tradução, pretendemos aproximar-nos sempre dessa característica elíptica e vitalista do texto de Artaud. Por isso adotamos a literalidade em detrimento de uma tradução mais poética, com cuidados especiais quanto às polissemias ao longo do texto, mantendo as repetições, as construções sintáticas nem sempre convencionais, a maneira de grafar as palavras. Contudo, há uma exceção no que diz respeito à sua pontuação e, portanto, ao seu ritmo: o texto original tornar-se-ia incompreensível para o leitor brasileiro caso modificações nesse sentido não fossem feitas. Temos consciência de que, com isso, uma parte importante do texto se perde. Mas essa perda é intrínseca às opções que fizemos quanto ao sentido de uma tradução. Resta-nos apenas remeter o leitor à fonte primeira do trabalho que empreendemos aqui: este, apenas como uma via de acesso provisória a um

148

---

pensamento que não se deixa emaranhar nas sinuosidades da linguagem, mas faz dela a matéria de uma impossível e rara luminescência.

### **Antígona entre os Franceses<sup>1</sup>**

Antonin Artaud

*a Gaston Ferdière<sup>2</sup>*

O nome da Antígona real, que caminhou para o suplício na Grécia 400 anos antes de Cristo, é um nome de alma<sup>3</sup> que não se pronuncia mais em mim senão como um remorso e como um canto. Caminhei bastante para o suplício para ter o direito de enterrar meu irmão, o eu<sup>4</sup> que Deus me deu, e do qual eu nunca pude fazer o que queria porque todos os eus diferentes de mim mesmo<sup>5</sup>, insinuados no meu próprio, como não sei quais parasitas, desde meu nascimento me impedem disso.

Que me restituirá também minha Antígona para me ajudar nesse último combate. O nome de Antígona é um segredo e um mistério, e para chegar a ter piedade de seu irmão a ponto de se arriscar à morte e de caminhar para o suplício por ele, foi preciso que Antígona trouxesse nela um combate que ninguém nunca disse<sup>6</sup>. Os nomes não vêm do acaso nem do nada, e todo belo nome é uma vitória que nossa alma alcançou contra ela no absoluto imediato e sensível do tempo.

Para que esse nome indescritível de vitória volte a mim na encarnação pessoal e formal de uma mulher e de uma irmã, é preciso que eu o tenha merecido como ela, e que ela o

tenha merecido como eu.

Não se é irmão e irmã sem se ter trazido esse supremo combate contra seus inimigos, de onde o eu pessoal saiu como uma próxima e familiar vitória sobre as forças de não sei que abominável infinito.

149

---

O irmão de Antígona morreu na guerra, debatendo-se contra seus inimigos, e mereceu que Antígona se aproximasse dele na hora de enterrá-lo, mas ela mesma não pôde merecer enterrá-lo sem um combate familiar àquele de seu irmão, não sobre o plano da vida real, mas sobre aquele do eterno infinito.

Ora, o infinito não é nada, senão esse além que quer sempre ultrapassar nossa alma, e nos faz crer que está em outro lugar fora de nossa alma, quando é o inconsciente de nossa alma que é esse além do infinito.

Antígona é o nome dessa vitória terrível que o eu heróico do ser alcançou sobre as forças obtusas e fugidias de tudo o que em nós não é nem ser nem eu, mas se obstina em querer fazer-se tomar como o ser de nosso eu.

Ninguém nunca pôde ser Antígona sem ter sabido desde o início dissociar de sua alma a força que a compelia a existir, e ter sabido encontrar a força contrária, de se reconhecer<sup>7</sup> como diferente do ser que ela vivia e que a vivia<sup>8</sup>.

O ser que eu vivo não se apossará de mim, e eu não me apossarei desse ser para morrer e para sumir; mas para conseguir me desatar e não me obscurecer na ilusão última, que consiste em crer que eu não sou senão o corpo onde a vida me manteve enterrado, é necessária essa mão de piedade que a força Antígona do ser soubera desatar de seu ser contra o ser onde ela se via.

Pois ninguém pôde chorar sobre um morto se ele não foi primeiramente chorado sobre si mesmo, e se ele não soube enterrar seu si mesmo<sup>9</sup> como o outro de seu eu: o morto.

Essa força de piedade é francesa. É uma força de honestidade interna que nos incita a<sup>10</sup> nos mantermos francos conosco, e a nunca nos mentirmos na tormenta do inconsciente e dos corpos.

150

---

Vários corpos estrangeiros montam em nós a toda hora, querendo tomar o lugar intocado de nossa alma, e o Francês é esse eu eterno que nunca abandonou sua alma, e como São Luís, considerou melhor morrer da peste que ceder aos seus inimigos<sup>11</sup>.

E nós não temos maior inimigo no mundo que nosso corpo no momento da morte. Ninguém pôde ser francês e nascer na França se não soube um dia se dissociar deste corpo que nos prende como um inimigo estrangeiro, e contra o qual ele ganhou sua natureza, e tudo o que está na França e é Francês é a conseqüência deste combate; mas que se lembra dele ainda hoje.

A terra da França foi o teatro de um estranho e misterioso combate que teve lugar em realidade e que tinha sua data na história, mas a história não fala dele. – E por quê?

Milhares de homens morreram na França em grupo e por suas idéias, e a história não falou jamais disso.

Heróis se fizeram queimar um dia como soldados que marcham no fogo, e eles o fizeram para perder seus corpos, e a fim de reencontrar neles um outro do qual a Antígona da piedade eterna pudesse se aproximar para enterrá-lo, e lhe dar algo para ressuscitar.

E isso aconteceu numa época vizinha a Joana d'Arc e seu suplício, pois o suplício de Joana d'Arc é tudo o que a história escrita soube guardar e relatar desta vontade de combustão corporal pela qual o eu Francês do homem se desembaraça do inimigo estrangeiro<sup>12</sup>.

Eles morreram para superar seus corpos, esses Franceses, mas onde estão e onde esperam agora, que sua irmã Antígona retorna que lhes lembrará do fogo em um corpo, e dará uma terra a esse corpo, reconquistado através do fogo, para que sua alma pudesse sempre habitá-lo?

Eles estão na França, e é em corpos de Franceses vivos que eles esperaram até hoje que a Antígona do Eterno volte a ser quem lhes permitirá reviver suas mortes.

151

---

– *Isso a fim de reencontrar a vida.*

A França não foi denominada a terra dos heróis sem uma razão extraordinária, e porque ela foi a terra daqueles que mais preferiram ir ao fogo, sob a terra, que consentir com esse corpo estrangeiro que vive sobre nossa alma como um estrangeiro. – Desta terra onde eles tombaram, a Antígona da eterna luz descerá para reerguê-los.

## NOTAS

1. Esse texto, não assinado, está escrito com tinta azul escuro sobre uma folha dupla, de papel branco, de 19,9 x 30,9 cm. Além das correções feitas com a mesma tinta, efetuadas no correr da redação, recebeu, posteriormente, correções a lápis, e, depois, com tinta preta. O sr. Chaleix, que garantiu a publicação de *Nouveaux écrits de Rodez*, lançou a hipótese de que esse texto poderia ser datado dos dias que se seguem a uma carta escrita ao doutor Ferdière, próxima a 9 de março de 1945, argumentando a partir do fato de que carta e texto são escritos com a mesma tinta e a mesma pena. De nossa parte, tínhamos notado que *Antigone chez les Français* tinha sido escrita com uma tinta mais azul escuro, ainda que, para a carta, a tinta utilizada fosse obviamente o azul. Por outro lado, a grafia de Antonin Artaud nesse texto está também completamente próxima daquela da carta escrita ao doutor Ferdière em 2 de abril de 1944, por exemplo, carta escrita também com tinta azul. É verdade que sua escrita [écriture] variou muito pouco de 1943 a 1945, e é apenas no começo de 1946, quando suas relações com o exterior são fixadas, que a esperança de sua saída tomou corpo, que ela se transformou, e como que se liberou, verdadeiramente.

A única coisa que está certa é que esse texto é posterior a 5 de fevereiro de 1944, já que, na dedicatória, o patrônimo Ferdière, que Antonin Artaud, desde sua chegada em Rodez, escrevia Ferdières, está ortografado corretamente. Ora, a última carta datada onde se observa a ortografia errônea é a de 5 de fevereiro de 1944. Teríamos, contudo, tendência a pensar que o texto foi escrito em

152

---

1944, isso em razão mesmo do material: a folha dupla descrita acima. Com efeito, todos os textos escritos em 1943 e 1944 que pudemos ter em mãos tinham como material folhas soltas, simples ou duplas, de diversos formatos, enquanto que, a partir de

fevereiro de 1945, quando realmente voltou a escrever, Antonin Artaud utilizou pequenos cadernos escolares, dos quais destacava folhas quando queria passar um texto a limpo. Foi o caso, entre outros, das *Mères à l'étable* e *Centre-Noeuds* (Cf. *Oeuvres complètes*, t. XIV, I, pp.28-31 e pp. 25-27). [O.C.].

2. Gaston Ferdière (1907–1990) era diretor do hospital psiquiátrico de Rodez quando aceitou em seu estabelecimento, por intermédio do poeta surrealista Robert Desnos, a internação de Antonin Artaud, que aí chega no dia 11 de fevereiro de 1943. Amigo dos surrealistas, e ele mesmo com intenções poéticas, o doutor Ferdière acompanhou atentamente o caso, conseguindo não apenas obter uma melhora geral de seu quadro, como também conquistar – embora não de forma constante ou regular – a própria afeição de Artaud. A oscilação dos afetos de Artaud em relação ao diretor de Rodez começou a se dar principalmente a partir de junho de 1943, quando o médico inicia as sessões de eletrochoques – tratamento ainda em fase experimental, inventado apenas cinco anos antes pelo psiquiatra italiano Ugo Cerletti – que se estenderão até a saída de Artaud do hospital, em 25 de maio de 1946. De todo modo, Gaston Ferdière incentivava irrestritamente a produção textual de Artaud, e foi responsável, inclusive, pelo prefácio e pela organização, em 1977, dos *Nouveaux écrits* de Rodez.

3. Embora não seja possível precisar quais são as referências de Artaud nesse sentido, ou mesmo se há alguma referência, o “nome de alma [nom d'âme]” é entendido por diversas religiões não ocidentais (especialmente entre as tribos indígenas ou africanas, como é o caso dos Akan) como o nome que se opõe ao nome dado a alguém por ocasião de seu nascimento, que seria, assim, um nome provisório ou fictício. O nome de alma, sendo o mais verdadeiro, se deixaria revelar, através de uma comunicação espiritual direta, como uma espécie de nome celeste, no qual a missão ou o destino de cada um durante

153

---

sua vida estaria registrada. Cf.. RADCLIFFE-BROWN, A.R. e FORDE, D. *Sistemas Africanos de Parentesco e Casamento*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.

4. Ao longo do texto traduzimos ambas as palavras *moi* e *je* como “eu”, colocando o termo em itálico quando se trata do primeiro caso. Só marcamos o vocábulo com a inicial maiúscula quando o próprio Artaud assim procede.

5. No original, « tout les moi autres que moi-même ».

6. Todo o início do texto de Artaud está fundado sobre o jogo sonoro que ele ouve entre o nome de Antígona e o grego *agón* (luta, combate). [Q.]

7. Antonin Artaud escreveu originalmente: “que a compelia a existir, e se reconhecer...”. Em um primeiro momento, adicionou a lápis na entrelinha superior o seguinte: “e sem ter sabido encontrar a força”. Essa adição foi riscada com tinta preta e substituída pela seguinte: “e ter sabido encontrar a força contrária”; da mesma forma de foi escrito em negrito com tinta preta sobre e. [O.C.]

8. No original, « l'être qu'elle vivait et qui la vivait », construção atípica de Artaud que se repetirá em seguida.

9. [Originalmente] ...enterrar este si mesmo...[O.C.]

10. [Originalmente] segue riscado: saber. [O.C.]

11. Saint Louis, ou Louis IX, rei da França a partir de 1226, até sua morte, em 1270, durante uma epidemia de peste que dizimou o exército da oitava cruzada, organizada por ele. Louis IX ficou conhecido pela maneira como agregou às exigências de seu governo a exaltação de sua fé cristã.

12. [Originalmente] ...se desembaraça do estrangeiro.[O.C.]

## **BIBLIOGRAFIA**

ANOUILH, Jean. Antigone. Paris: La Table Ronde, 1946.

ARTAUD, Antonin. Oeuvres complètes, t. I, II. Paris: Gallimard, 1976.

154

---

\_\_\_\_\_, Oeuvres complètes, VII Paris: Gallimard, 1967.

\_\_\_\_\_, Oeuvres complètes, IX. Paris: Gallimard, 1979.

\_\_\_\_\_, Oeuvres, coll. Quarto. Paris: Gallimard, 2004.

COCTEAU, Jean. Théâtre, I, Paris: Gallimard, 1948.

HOMÈRE. Odyssée. traduction, introduction, notes et index, par Médéric Dufour et Jeanne Raison Paris: Garnier, 1988.

HUNGER, Herbert. Lexikon der griechischen und römischen Mythologie. Hamburg, 1985.

KANT, Immanuel. Logica. trad. Guido Antônio de Almeida, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

SHELLEY, Percy Bysshe. The Letters of Percy Bysshe Shelley Ed. Frederick L. Jones. 2 vols. Oxford: Clarendon Press, 1964.

SOPHOCLE. Antigone. Trad. de Paul Mazon, éd. Bilingue. Paris: Les Belles Lettres, 1997

SOPHOCLE. «Antigone» in Théâtre complet. Trad. Robert Pignarre. Paris: Garnier-Flammarion, 1999.

STEINER, Georges. Antigonas: Una poética y una filosofía de la lectura. Trad. Alberto L. Bixto. Barcelona : Editorial Gedisa, 1991.

VERNANT, Jean-Pierre. Mito e pensamento entre os gregos. Trad. Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

155

[topo](#)

---

**Palimpsesto - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**

<http://www2.uerj.br/~pgletras/palimpsesto/num4/estudos/antigona.htm>

Volume 04 ANO 4 (2005) - ISSN 1677-7557